

A POESIA OSSIÂNICA EM PORTUGAL: ESTUDO DA SUA RECEPÇÃO TRANSLATOLÓGICA

Maria Gabriela Buescu

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Parece-nos conveniente abordar, numa perspectiva abrangente, a formação da tradição ossiânica a partir da Irlanda e da Alta Escócia. Com efeito, poetas e cantores da Irlanda e das terras altas da Escócia (Highlands), os bardos, (Filids irlandeses e Cyvarwiddon galeses) formavam uma classe letrada da população que, usando o idioma céltico, o gaélico, nele compunham e/ou recitavam cantos sobres lendas divinas e feitos bélicos. Assim, cada família (clã) teria um bardo e os seus passariam de geração em geração, confiados a uma oralidade sustentada pelos ritmos próprios da poesia épica.

Trata-se do contexto de "Primitivismo" ossiânico que rapidamente se impôs predominantemente ao longo de todo o século XVIII; caracteriza-se por uma revolta contra a luxúria, a sofisticação e o neo-classicismo. Este primitivismo afigurava-se natural para os Escoceses do século XVIII. Este "Primitivismo" era encarado como uma forma de "fugir" aos tempos modernos, encerrando-se numa redoma plena de valores e ética próprios da incisiva identidade escocesa.

Em termos temáticos, encontramos nesses poemas um registo da natureza agrest dos "Highlands", feita de montanhas evales, pântanos e "glens", no meio de uma grandiosidade melancólica e nevoenta. Esta paisagem, com efeito, sugere na perfeição o tal Primitivismo tão caro aos intelectuais escoceses a que já tivemos ocasião de aludir. Paul Van Tieghem refere-se com ênfase a esta paisagem tipicamente ossiânica, como fazendo parte de toda uma atmosfera fortemente inspiradora:

"Automme, brouillards, ouragans; montagnes, bruyères, torrents, arbre solitaire penché sur une tombe au dessus de laquelle planent les ombres des héros; tout ce qu'il y a de plus caractéristique et de plus nouveau dans le paysage ossianique se trouve ramassé [...]"⁽¹⁾

¹ Paul van Tieghem, *Ossian en France*, P.U.F., Paris, 1917, 115.

Esta atmosfera era acentuada pelos bardos que compunham os poemas para entreterem as famílias escocesas a que estavam ligados. Os poemas eram narrados oralmente em gaélico, como já vimos, e retratavam tanto os heróis guerreiros como a mitologia popular local, apresentando assim um carácter heróico que, desde logo, foi sentido como característico deste tipo de produção poética.

A componente épica desta literatura (oral) compreende cinco ciclos, a saber:⁽²⁾

1.^o – O ciclo mitológico, cujo tema é a origem do mundo e a história mais antiga dos deuses e dos homens.

2.^o – O ciclo de Conchobar e Cuchullin, filho do deus Lug, ou ciclo de Ulster, que integra as histórias sobre estes e outros heróis que viveram no norte da Irlanda e que teriam sido contemporâneos de Cristo. Estes heróis, cujas façanhas são transmitidas sob a forma de narrativas tradicionais e romanescas, povoam o país das Fadas, enfrentam gigantes (Curoi, o gigante do Outro Mundo é perseguido por Cuchulain por raptado a bela Blathnat da corte do rei Conchobar), e, enfim, entram em competição com outros campeões irlandeses, representantes de outros clãs. Tais narrativas integram os chamados *Mabinogion*, os cantos épicos que sobreviveram em dois manuscritos e que os estudiosos da tradição céltica (não sem alguma controvérsia) consideram estar na base dos ciclos posteriores arturianos, antes da sua cristianização, como sabemos, relativamente tardia.⁽³⁾

3.^o – O ciclo chamado ossiânico ou de Leister, cujo tema principal eram as façanhas de Find ou Finn Mac Cumail ou Cumtrail (Fingal) e seu filho Ossian, Ossin ou ainda Oisín, guerreiro lendário e bardo gaélico que parece terá vivido no séc.III d.C. A proximidade temática com a lenda arturiana é sublinhada por Jean Marx: "Dans ce jeu [transmissão lendária] à tout moment l'Irlande était présent, comme la perpetuelle fournisseuse de thèmes poétiques et de figures divines ou féériques [...]"⁽⁴⁾

4.^o – O ciclo que inclui as histórias reais ou imaginárias desde o século III ao século VII.

5.^o – O ciclo que integra a tradição popular posterior na qual irá inserir-se toda a complexa trama da literatura graálica, cuja sobrevivência, expansão e sucessivas metamorfoses são conhecidas. Caledónia (Caeldoch) ou Celyddon, nos limites da actual

² Cf. Isidoro Montiel, *Ossian en España*, Ed. Planeta, Barcelona, 1974, 10.

³ Sobre a relação dos ciclos irlandeses e a chamada "matéria da Bretanha", veja-se Jean Marx, *La légende arthurienne et le Graal*, Slatkine Reprints, Genève, 1981. Veja-se ainda D.D.R. Owen, *The Evolution of the Grail Legend*, St. Andrews Univ. Publ., Edingburg, 1968.

⁴ Jean Marx, *op. cit.*, 64.

fronteira da Escócia, foi o cenário das batalhas de resistência dos Celtas e seu refúgio quando o sul das Ilhas Britânicas foi conquistado pelos romanos: mantendo-se refractários à influência romana, a sua língua continuou a ser o gaélico, a sua história e os seus costumes, transmitidos por via oral, continuaram a marcar uma forte identidade cultural. Sobre este aspecto, no entanto, formaram-se diversas teorias e correntes de opinião. Sabe-se, porém, que Fingal era um dos heróis nacionais da Irlanda, ainda que Macpherson o tenha adoptado, mais tarde, como o herói escocês dos seus poemas: de facto, o embrechamento entre as tradições épicas irlandesa e galesa é tal, que permite trocas e empréstimos.

As principais características temáticas que marcam a literatura ossiânica são a emoção poética, a melancolia, o esplendor de uma natureza em tumulto, aureolada pelo sobrenatural e, ao mesmo tempo, a nível da linguagem, uma rude e expressiva simplicidade: características que quadram e se encaixam no universo mental do Romantismo que mais tarde as irá recuperar, aproveitar e, de certo modo, transformar.

Deparamo-nos, de facto, com o tom melancólico e arrastado desta poesia proveniente das terras altas da Escócia, em que as canções antigas se enchiam de lembranças de tempos passados gloriosos. Ora, são justamente estas características de que o Ossian de Macpherson se vai apropriar: na sua solidão, ele recordar-se-á das palavras dos seus companheiros bardos, recuperando assim elementos centrais para a composição da personagem e da tradição, como as suas raízes medievais e a transmissão por via oral.

James Macpherson (1736-1796) pertencia ao clã dos Macpherson e era filho de um agricultor de Ruthven (Inverness), onde nasceu.

Estudou no Marischal College, em Aberdeen, e na Universidade de Edimburgo, sem no entanto se ter formado. Foi mestre-escola em Ruthven e neste período chegou a publicar alguns poemas em inglês sem grande êxito: *The Highlander*, em disticos heróicos.

Mais tarde para Edimburgo como preceptor, e é ao serviço da família Graham que trava conhecimento com Adam Ferguson e John Home, cujo interesse pela poesia gaélica era notório: ambos insistem, pois, com James Macpherson, com base no seu conhecimento da língua e poesia gaélicas, para que lhe traduzisse por escrito alguns excertos de poemas tradicionais. Algo hesitante, Macpherson acede ao pedido e publica um pequeno volume intitulado *Fragments of Ancient Poetry, collected in the Highlands of Scotland and translated from the Gaelic or Erse language*. Edimburgo, 1760. Com o desenvolvimento do seu trabalho, a obra ossiânica de James Macpherson englobará vários textos que ele publicou a saber:

1. *Fragments of Ancient Poetry, Collected in the Highlands of Sctoland and translated from the Gaalic or Erse language* (Edimburg, 1760).
2. *Fingal. An Ancient Epic Poem, in six books; together with several other Poems, composed by Ossian, the son of Fingal; translated from the Gaalic language by James Macpherson* (London [1761] 1762).
3. *Temora, an Ancient Epic Poem, in eight books; together with several other Poems, composed by Ossian, the son of Fingal; translated from the Galic language by James Macpherson* (London, 1763)
4. *The works of Ossian, the son of Fingal, in two volumes. Translated from the Galic language by James Macpherson ... To which is subjoined a critical dissertation on the poems of Ossian.* By Hugh Blair. D.D. (London, 1765).
5. *The Poems of Ossian. Translated by James Macpherson, Esq. In two volumes. A new edition, carefully corrected, and greatly improved.* (London, 1773).
6. *The Poems of Ossian, in the original Gaelic, with a literal translation into Latin by the late Robert Macfarlan, A. M. together with a dissertation on the authenticity of the poems, by sir John Sinclair, bart. And a translation from the Italian of the Abbé Cesarotti's Dissertation on the controversy respecting the authenticity of Ossian, with notes and a supplemental essay, by John M'Arthur, L.L.D. Published under the sanction of the Highland Society of London.* (3 vols. London, 1807).

Em relação aos materiais que Macpherson possuía, é indubitável que o Fingal, a Temora e vários outros Fragments que Macpherson publicou eram, em larga medida, versões dos poemas usualmente recitados nos "Highlands". De facto, Macpherson socorreu-se para o seu trabalho de variado material recolhido, nos "Highlands", directamente da população, fiel depositária desse material.⁵

Por outro lado, em Portugal começam a verificar-se as primeiras manifestações de uma sensibilidade não predominantemente iluminista e já circulavam pela Europa os textos devedores de uma nova estética, aliada a novas formas na expressão do sentimento. De facto, tal como em Espanha, o Romantismo foi também tardio em Portugal e teve alguma dificuldade em implantar-se como cânone generalizado.

⁵ Bailey Saunders, *op. cit.*, p. 134; Vide também Isidoro Montiel, *Ossian en España*, 12-13.

Devido à censura régia e clerical, o movimento nacional contra a invasão napoleónica não teve impacte significativo na literatura. Por outro lado, Portugal encontrava-se isolado do resto da Europa, fugindo dos ideais liberais que se iam manifestando noutros países europeus.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, porém, os historiadores literários portugueses da segunda metade do século XIX registam já nalguns poetas dos fins do século XVIII rudimentos da nova sensibilidade pré-romântica.⁽⁶⁾ No entanto, esta nova sensibilidade em Portugal está ainda repleta de elementos duma estética barroca, a par de categorias mentais iluministas, o que poderemos observar em quase todos os poetas pré-românticos portugueses.⁽⁷⁾

Assim, homens como Camilo Castelo Branco e Teófilo Braga, destacam-se como escritores pré-românticos sobretudo D. Leonor de Almeida, a Marquesa de Alorna, José Anastácio da Cunha, Bocage e Francisco Manuel do nascimento, ou "Filinto Elísio".⁽⁸⁾

Relativamente ao *Ossian* de Macpherson encontrámos versões fragmentárias de poetas pré-românticos e ultra-românticos que iremos de seguida referir com mais pormenor. no período pré-romântico em Portugal destacam-se com particular evidência Filinto Elísio, D. Leonor de Almeida (a Marquesa de Alorna) e Bocage.

A Marquesa de Alorna (1750-1839) teve uma vida bastante conturbada e movimentada. Aos oito anos viu-se encarcerada no convento de Chelas, juntamente com a sua mãe e as suas irmãs, por motivos que se prendiam com o atentado contra D. José e o famoso processo dos Távora. Durante esse período, ou seja, até 1777, data da sua libertação, a Marquesa de Alorna faz muitas leituras e estudos com os melhores mestres da época.

É durante o seu cativo que contacta com Filinto Elísio, seu mestre, que a baptizou com o nome poético de "Alcipe".⁽⁹⁾ Das suas leituras durante a estada em Chelas, as suas preferências vão para Milton e Pope. Com efeito, de Shakespeare dirá que é "doido e grosseiro" e que Milton é gigantesco".⁽¹⁰⁾

⁶ Jacinto do Prado Coelho, *Poetas Pré-Românticos*, Atlântida, Coimbra, 1961, 9.

⁷ Álvaro Manuel Machado, *As origens do Romantismo em Portugal*, Biblioteca Breve, ICALP, Lisboa, 1979, 44. Ver também, a este respeito, as observações aduzidas na obra de Aníbal Pinto de Castro, *Alguns aspectos da teorização poética no Neoclassicismo português*, Liv. Cruz, Braga, 1974.

⁸ Álvaro Manuel Machado, *op. cit.*, 9.

⁹ Álvaro Manuel Machado, *As Origens ...*, *op. cit.*, 57.

¹⁰ Hernâni Cidade, *op. cit.*, XLII.

Após a sua libertação do Convento de Chelas, a Marquesa de Alorna casa-se com um oficial alemão, o Conde de Oyenhausen, naturalizado português e diplomata em Viena, que em 1793 morre e a deixa quase na penúria com cinco filhos para sustentar.

A Marquesa de Alorna entrega-se então devotadamente às Letras.

Com efeito, é por esta altura que a Marquesa de Alorna elabora traduções, nomeadamente de Horácio e da literatura do Norte da Europa:

"Claro que havia em tudo isto também muito artifício a descontar. Mas ficará ainda para agradecer às literaturas do Norte esta grande lição estética: [...] Alcipe cultivou esta literatura, imitando-a ou traduzindo-a com uma abundância a que por vezes foi sacrificada a perfeição. Por ela foram entre nós conhecidos Herder, Wieland, Ossian, Graw, Goldsmith, Krowgla, Goethe". De Thomson, a Marquesa de Alorna verte as *Estações* e de Wieland, o *Oberon*".⁽¹¹⁾

É quando se exila em Londres e realiza diversas viagens pela Europa que contacta de perto com a onda ossiânica que, à época, dominava a Europa. É este convívio que lhe desperta o grande interesse por Ossian e pelas obras dos pré-românticos ingleses, franceses e alemães. Por outro lado, o seu contacto directo com Mme. de Stael (1766-1817), grande admiradora de Ossian, terá por certo contribuído para o seu interesse pelos poemas ossiânicos.

Em 1844, já como tradução postumamente publicada, surge *Darthula*, poema ossiânico vertido pela Marquesa de Alorna;

A tradução da Marquesa de Alorna de *Darthula* surge nas *Obras Poéticas*⁽¹²⁾ com o seguinte subtítulo: "Poema traduzido ou imitado de Ossian", o que desde logo levanta questões interessantes relativas à concepção e forma de traduzir da Marquesa de Alorna. De facto, a "imitação" da Marquesa de Alorna parece inscrever-se num registo de maior liberdade de tradução, tão ao gosto da época, e que era prática corrente nas restantes traduções da Marquesa.

Para Garrett (1799-1854), com efeito, parece que a identidade mediterrânica e ibérica se torna incompatível com essa poesia nórdica que explicitamente rejeita mas a cuja fascinação não resistirá. Todavia, o facto é que, mesmo querendo aparentemente distanciar-

¹² Marquesa de Alorna, *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1844, 201.

-se do que lhe surge como uma moda artificial (porque "os gelos" derretem com o calor), Garrett em primeiro lugar *reconhece-a*, atestando assim do seu vigor e da sua importância. Assim, e se estas observações de Garrett surgem por um lado como recusa da tradição ossiânica – que, como vimos, era já bem importante na Europa em 1825 –, o certo é que, por outro lado, elas confirmam a existência de tal tradição e o seu conhecimento por Garrett, num momento em que claramente começa a enveredar por caminhos que mais tarde o estabelecerão como um dos iniciadores do Romantismo em Portugal. E, por outro lado ainda, elas confirmam que Garrett considera que uma tomada de posição explícita sobre a questão ossiânica é apesar de tudo necessária a quem, como ele, tem já como projecto ganhar o seu lugar no contexto literário português.

Parece-nos valer a pena transcrever ainda a Nota C ao Canto IV do Poema citado, na qual, segundo o seu costume, Garrett teoriza, tomando partido, neste caso, pela corrente que considera, pura e simplesmente, *Ossian* como uma falsificação (retomando aliás a alusão que, no excerto atrás referido, existia ao identificar o "padre Ossian" ao nome de "Macferson"):

"Não gosto de Irminsulfs, nem de Teutates.

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macferson, que tantos anos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui há tempos, que os fantasmas escandinavios, caledónios e todas as outras invenções e mitologia rúnica andavam na baila por versos e versinhos de toda a gente.

[...] – Quanto a mim, tenho que as artes filhas da Natureza devem andar a par dela, e com ela. Essas fantasmagorias druidicas são belas, são magníficas nas montanhas dos despenhadeiros da Alta Escócia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos dulcíssimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinária do primeiro momento (...)"⁽¹³⁾

Não obstante a sua ironia e a sua aparente distanciação, o certo é que Garrett não deixa de colocar certos versos de Ossian como epígrafe de alguns dos seus poemas. A posição de Garrett parece-nos, pois, ambígua, porque se, por um lado, no poema *D. Branca*, como já vimos, se refere a Ossian para marcar a sua diferença, utilizando um tom marcadamente

¹³ J. B. de Almeida Garrett, *D. Branca*, Nota C ao capítulo IV, Canto III, Lello e Irmão Editores, Porto, s/d.

irónico, em a *Lírica de João Mínimo*, pelo contrário, não só utiliza alguns dos versos como epígrafe, mas também traduz, utilizando para tal um estilo consentâneo com o conteúdo e a atmosfera melancólica e soturna, em suma a atmosfera nórdica que criticara em *D. Branca*: trata-se do poema *Óscar*, que ele próprio sub-titula de "Imitação de Ossian".⁽¹⁴⁾

Tal ambiguidade, porém, explica-se por si própria: para Garrett, Ossian e todo o imaginário que lhe está associado é tão estrangeiro como a mitologia clássica que no princípio de *D. Branca* ele repudia:

"Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio".⁽¹⁵⁾

Assim, e levado pelo seu princípio de "nacionalização literária" (e que é, afinal, um dos princípios românticos mais consistentes), Garrett considera que o que afinal está em jogo é a adesão a procedimentos literários e estéticos nacionais e a recusa daqueles que o não são. Neste quadro, *Ossian* é tão "estrangeiro" como o classicismo por ele "objurado" (mesmo se, à época, de forma ambígua). No entanto, o facto de reflectir, através das epígrafes e do poema mencionado, uma manifesta influência de Ossian leva a que devamos reconhecer que, também neste particular, a posição de Garrett continua a dar conta dessa mesma ambiguidade: por um lado recusando, por outro utilizando. E o certo é que tanto a recusa como a utilização manifestam, afinal, a importância que, nesta altura, Ossian acaba por ter para Garrett.

No mesmo sentido, e quase com a mesma forma, Garrett escreve em *O Chronista*, em 1827:

"Hoje é moda o "romântico", é finura, é tom achar Ossian melhor que Homero, gabar Shakespeare, desdenhar Corneille. De Paris os modernos elegantes deixam Racine para lerem Schiller: chamam vil servilismo às regras d'arte, antiquário a Boileau, pedante a Horácio. Só gostam de Irminsulf e de Teutates, obscuros sonhos do Escocês sombrio. E as risonhas ficções da culta Grécia áureos numes d'Ascreu sedições dizem. Vénus e amores, graças e cupidos já muito vistos são, já muito lidos".⁽¹⁶⁾

¹⁴ "Imitação", no sentido de adaptação ou recriação, tal como iremos ver na 3ª parte desta dissertação.

¹⁵ J. B. Almeida Garrett, *D. Branca*, Paris, 1825, Canto I, I.

¹⁶ Citado por Teófilo Braga, *História do Romantismo em Portugal*, op. cit., 119-120.

Este discurso é, para Teófilo Braga, que o cita, um discurso irónico: Garrett mofava do Romantismo. Todavia, ambigualmente, ainda segundo o mesmo crítico, "Garrett conservou toda a vida essa melancolia ossiânica".

Não é, pois, isenta de ambiguidade a posição de Garrett perante a voga avassaladora da literatura nórdica. Por um lado, e com fino espírito de análise, em nome de uma busca da identidade nacional, ele rejeita o sombrio e barbudo Ossian, como rejeita também a *Iliada* e a *Odisseia* como igualmente estranhos ao que ele chama e define como génio nacional.

Diferente é, porém, a posição de Herculano (1810-1877). O seu próprio temperamento e a gravidade do seu génio levam-no a encontrar maior solidariedade com a sensibilidade que é o fundo da mensagem estética do Romantismo nórdico, sendo ainda de lembrar a importância da figura da Marquesa de Alorna, cujo círculo frequentou, para a sua formação intelectual.

Haviam, porém, passado cerca de setenta e cinco anos sobre as primeiras publicações de Macpherson, quando Garrett "mofa", para utilizar o termo de Teófilo Braga, por um lado, e, por outro, se deixa fascinar pela ambiência ossiânica. Nesse intervalo de cerca de setenta e cinco anos, porém, a onda ossiânica atingia já as margens da literatura portuguesa.

Outro poeta pré-romântico que traduziu, embora muito fragmentariamente, Ossian, foi Bocage. Com efeito, Manuel Maria Barbosa du Bocage fez uma tradução de um fragmento de *Fingal* que, embora significativamente curta, dá conta da sensibilidade pré-romântica que seduziu o poeta.

Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu em Setúbal em 1765. Desde tenra idade que se dedicou às leituras e ao estudo de línguas como o latim, o francês e o italiano. Terminados os estudos secundários, Bocage assentou praça no regimento de infantaria de Setúbal em 1781, onde permaneceu até 1783, altura em que passou para a armada real na classe de guardamarinha.

Da sua vida de lisboeta que durou três anos, Bocage revelou-se grande amante da vida boémia e de café. Guerreiro Murta assinala, com efeito, esta fase da vida do poeta em Lisboa:

"É possível que os amigos o prendessem mais que os professores, e ao estudo se sobrepujasse a louca e desvairada estúrdia".⁽¹⁷⁾

¹⁷ Guerreiro Murta, Prefácio a *Poesias* de Bocage, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1943., XIII.

Também Hernâni Cidade se refere à fase irregular e de boémia que pautou a vida do poeta em Lisboa e que marcou o início da sua fama, nomeadamente pelos seus improvisos:

"Até à partida para a Índia, decorrer-lhe-ia o tempo, certamente, na dissipação e na dicacidade ou lírica exaltação das tertúlias de café, nas estroinices de feiras, doestando frades que só amava nos altares, nas vitoriosas competições dos outeiros, [...]".⁽¹⁸⁾

Em 1786, Bocage parte para a Índia como Guarda-Marinha, passando também por Macau e por Goa, onde invectiva todos aqueles que conhece com o cunho forte e mordaz das suas poesias:

"O seu carácter exaltado e impaciente, o seu temperamento volúvel e inadaptável, a sua sensibilidade facilmente irritável, a sua saúde debilitada por um mau clima, a mão áspera do infortúnio, e finalmente a sua tendência acentuada para a sátira, tudo isso o leva a despejar sobre os habitantes de Goa uma chuva de setas, uma torrente de de versos mordazes que o tornaram odiado por quase todos".⁽¹⁹⁾

"Com o espírito repleto de saudades pelos que deixara em Lisboa, nomeadamente o seu primeiro amor, Gertúria, Bocage regressa a Lisboa, deparando com a traição desta que o trocava pelo irmão Gil. Desalentado, volta à sua vida boémia, breve se tornando a 'alma de Lisboa'".⁽²⁰⁾

Um ano após o regresso do Oriente, publica o primeiro volume das *Rimas*. Entra para a Academia das Belas Letras ou Nova Arcádia com o nome poético de Elmano Sadino. Em virtude de dirigir versos inspirados pelas novas ideias de liberdade que sopravam de França ao governador, Bocage foi preso e metido na cadeia da Corte, sendo mais tarde transferido para os cárceres da Inquisição e daí para o Mosteiro de S. Bento.

No cativo, teve ocasião para encontrar outros eruditos e para acalmar a sua febril exaltação e impetuosidade, sendo mais tarde libertado. No entanto, debilitado pela vida exaltada que levava até aí, adoece e, com um aneurisma, morre em 21 de Dezembro de 1805.

Bocage escreveu as suas poesias, tão ao gosto da época, cultivando todas as formas métricas: desde sonetos, odes e elegias classicizantes até sátiras e epigramas. Notabilizou-se na poesia pelo seu gosto pelos temas fúnebres tão caros aos pré-românticos⁽²¹⁾ e sempre pelas sátiras mordazes. Na última fase da sua vida, dedicou-se quase só a traduções e poemas

¹⁸ Hernâni Cidade, *Bocage, a Obra e o Homem*, 3ª ed., Arcádia, Lisboa, 1978, 32.

¹⁹ Guerreiro Murta, *op. cit.*, XX.

²⁰ *Ibidem*, XXIII.

²¹ Veja-se o poema "Retrato da Morte".

didáticos. Além do pequeno fragmento do Ossian, traduziu em prosa *História de Gil Brás de Santilhana*, *Galatea*, *História de Paulo* e *Vergínia*, de Bernardin de Saint-Pierre e outras.

Na sua actividade como tradutor, Hernâni Cidade,⁽²²⁾ por um lado, e Guerreiro Murta, por outro, tecem-lhe variados elogios:

"Se compararmos os originais com as versões, seremos forçados a concluir que Bocage foi inexcedível na arte de traduzir".⁽²³⁾

Outro pré-romântico de expressão portuguesa que se dedicou à "pseudo-tradução" de um pequeno fragmento de Ossian foi Américo Elísio, de seu nome José Bonifácio Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1763-1838). Nascido no Brasil e estudante da Universidade de Coimbra, distinguiu-se no estudo da jurisprudência e no estudo das ciências naturais, viajando pela Europa por proposta da Academia Real das Ciências, como naturalista e mineralogista. Ocupou cargos administrativos em Portugal bem como docentes e judiciais. De regresso ao Brasil interveio na proclamação da Independência e exilou-se em França, em Bordéus.

Publicou *Poesias Avulsas* em 1825, podendo considerar-se um precursor do Romantismo. Nos seus versos, usava de parcimónia nas ruínas, preferindo conferir-lhes sonoridade através do metro e do ritmo. No entanto, e segundo Massaud Moisés, "a directriz fundamental dos seus versos é ainda a neoclássica, perseguindo [...] moldes pindáricos e anacreônticos...".⁽²⁴⁾

Para além disso, traduziu ou adaptou Píndaro, Hesíodo, Meleagro, Virgílio e Salomão e, na literatura ocidental, verteu passos de *Ossian*, Young, Thompson, Shakespeare, Byron, Scott, Goethe e Schiller. Américo Elísio teve assim ocasião para contactar de perto com a onda ossiânica que percorria a Europa. Tivemos conhecimento de uma "ode" e de um "resto de uma tradução de Ossiã", integrados nas *Poesias de Américo Elysio* publicadas pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro em 1946.

Afrânio Peixoto, no seu estudo, refere que *As Poesias de Américo Elysio* são "o primeiro livro que, no Brasil, subscreveu o Romantismo".⁽²⁵⁾ Segundo Peixoto, a "pseudo-tradução" de *Ossian* e Young dá conta de que se trata já de um "romântico, consciente da sua inovação".⁽²⁶⁾

²² Hernâni Cidade, *Bocage*, Lello e Irmão, Porto, 1936.

²³ Guerreiro Murta, *op. cit.*, XLVI.

²⁴ *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, 2ª ed., São Paulo, 1980.

²⁵ *Vida e Morte, Dittos e Feytos de El-Rei Dom João IV* de D. Francisco Manuel de Melo, com estudo de Afrânio Peixoto, R. J., 1940, XI.

²⁶ *Ibidem*, XIV.

Outro poeta que igualmente se assumiu como tradutor foi já o ultra-romântico Soares de Passos que traduziu todo o Canto I de *Fingal*, e um fragmento do poema *Carthon*, ou seja, a invocação ao Sol, e finalmente outro fragmento designado "Colma" do Poema *Os Cantos de Selma*.

António Augusto Soares de Passos (1826-1860) faleceu cedo, aos 33 anos, vítima de tuberculose. Poeta, cuja infância decorreu no seio dos distúrbios políticos da época, estava destinado pelo pai a suceder-lhe como director do "armazém de drogas", propriedade da família, no qual trabalhou entre os catorze e os dezanove anos. No entanto, começou a participar com a sua poesia em vários jornais e revistas como *O Novo Trovador* mas foi a partir de 1852 com a fundação de *O Bardo* que a sua poesia começou a adquirir grande popularidade, fundamentalmente com o célebre "O Noivado do Sepulcro".⁽²⁷⁾

Formou-se em 1854 e voltou para o Porto, dedicando-se exclusivamente à Literatura. Reúne as suas *Poesias* (1856) e traduz poesia alemã e inglesa. Poeta de incontestáveis tendências ultra-românticas, de escrita exacerbada e redundante, foi um marco na tradução para português de alguns poemas ossiânicos, tão ao gosto da época.

É, contudo, Maria Adelaide Fernandes Prata (Porto, 1826 – Lisboa, 1881) que mais contribuirá para difundir os poemas ossiânicos em Portugal com a sua tradução integral de *Fingal* (*Fingal, poema em seis cantos*, Porto, 1867).

Embora não se saiba muito sobre a sua vida, Maria Adelaide Fernandes Prata foi autora de um volume *Poesias oferecidas às senhoras Portuenses*, (1859), *O Filho de Deus* (1867) e, nesse mesmo ano, *Fingal, Poema em seis cantos, vertido d'Ossian*. O editor é sempre a Typographia Commercial do Porto. O obituário do *Diário Popular* (Lisboa) de 21 de Março de 1881 assinala a realização do seu funeral para o Cemitério dos Prazeres, sendo seu testamenteiro Joaquim Pinto Ribeiro, autor de uma das cartas que, à guisa de prefácio, acompanham a edição de *Fingal*.

Outro autor importante para esta investigação foi Joaquim Silvestre de Sousa (1803-1872) que também realizou uma tradução de *Ossian*, intitulada "A Espera Desgraçada" (1839)⁽²⁸⁾ versão, como iremos ver, do fragmento "Colma" de *Os Cantos de Selma*. Poeta, estudou Latim, Filosofia e Retórica em Braga e a sua inserção na vida política em 1828 veio alterar o

²⁷ *O Bardo*, I, 4 Junho 1852, 50-53.

²⁸ Joaquim Silvestre de Sousa, *Tentativas Poéticas*, Braga, 1839, 34-38.

rumo da sua vida. Escreveu para vários jornais, imprimiu as *Tentativas Poéticas*, contendo Odes e várias traduções o que mereceu a António Feliciano de Castilho inúmeros elogios.

Ainda relativamente à invocação ao sol, surge-nos o "Hymno ao Sol"⁽²⁹⁾ de Baour-Lourmian (1770-1854), um poeta francês que publicou em Paris uma tradução de Torquato Tasso. As notas incluem diversas alusões a Camões. Também publicou a tradução do episódio de "A Ilha dos Amores" de *Os Lusíadas*.

João Nepomuceno de Seixas (?-1873) foi outro dos tradutores desta invocação ao sol e também do fragmento "Colma" de *Os Cantos de Selma*⁽³⁰⁾. Cavaleiro da Ordem de Cristo e professor de rudimentos históricos, exerceu nas Escolas do Conservatório Real de Lisboa e escreveu inúmeros artigos sobre assuntos vários surgidos na *Instrução Pública* entre 1855-56.

Outro tradutor de dois poemas ossiânicos *A Guerra de Caros*⁽³¹⁾ e *o Rapto de Oithona*⁽³²⁾ foi Luís Ribeiro de Sottomayor, cujas datas de nascimento e morte não se encontram referenciadas, mas surge apenas como escritor e jornalista do século XIX. Sabe-se que cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo obtido o grau de várias obras como *Os dois Dominós* e *A Rainha e o Astrólogo*, e tendo escrito para vários periódicos.

Por seu lado, Arnaldo de Sousa da Gama (1828-1869) intentou traduzir de *Ossian* o poema "Oina-Morul".⁽³³⁾ Escritor, bacharel em Direito na Universidade de Coimbra, foi também redactor do jornal literário portuense *A Península* e de outros periódicos, onde participou em diversas polémicas de cariz político. Dedicou-se, sobretudo, a escrever romances históricos. Era Cavaleiro da Ordem da Torre-e-Espada e sócio correspondente da Academia Real das Ciências. Algumas obras suas incluem *O génio do mal* (1857), *Poesias e Contos* (1857) e *A tomada de Ormuz* (1859).

Finalmente o último tradutor de *Ossian*, mais precisamente do poema "Colna-Dona"⁽³⁴⁾ foi Gervásio Lobato (1850-1895). Segundo oficial da Secretaria do Reino, foi professor de declamação na escola dramática do Conservatório de Lisboa. As suas actividades desdobraram-se em professor e jornalista. Publicou artigos diversos em jornais. Dedicou-se ao teatro e apresentou algumas Comédias como *O Rapto de um Noivo* e *Debaixo da Máscara*.

²⁹ In *O Jornal de Coimbra*, "Poesias de Ossian", vol. XII, Lisboa, 1818.

³⁰ Surgidos ambos em *A Instrução Pública* 1º e 2º Anno, Lisboa, 1855-56.

³¹ *A Península Jornal litterário e instructivo*, 1º vol. Porto, 1852.

³² *O Instituto*, vol. 9, 1861.

³³ Surgido in *A Península*, Porto, 1852.

³⁴ In *Gazeta Litterária*, nº 18, Lisboa, 1868.

Foi também romancista e exerceu o mestre de tradutor. Como nota final da recepção ossiânica em Portugal, teremos obviamente de aludir ao célebre Libretto de Ópera de *Fingal*, drama lírico em 3 actos com poesia de Caetano Solito e música de Pedro António Coppola surgido em 1864³⁵ que obteve singular êxito em pleno Portugal ultra-romântico.

Como verificamos a obra *Ossian* de Macpherson, além de ter obtido grande sucesso por toda a Europa, foi, também em Portugal, alvo de profundo interesse e gosto inusitados, manifestando-se esse interesse pelas numerosas traduções por nós encontradas ao longo do século XIX. Com efeito, a Poesia das Terras Altas da Escócia adequa-se perfeitamente às tendências pré-românticas, românticas e ultra-romântica que norteiam o gosto pelas montanhas, escarpas rodeadas de nevoeiro e sobretudo pela tradição popular que esta poesia sugere.

³⁵ *Fingal, Drama lírico em 3 actos*, Typographia da Costa Sanches, Lisboa, 1864.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ALORNA, Marquesa de, *Obras Poéticas de D. Leonor d'almeida Portugal Lorema e Lencastre*, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844.
- BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du, *Obras Poéticas*, vol. IV, Lisboa, Imp. de J. B. Morando, 1820.
- CIDADE, Hernâni, *A Marquesa de Alorna, sua vida e obras*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, s/d.
- _____, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, vol. 2, 7^a edição, Coimbra, Coimbra Editora Lda., 1984.
- GARRETT, João Baptista B. Almeida. *D. Branca*, Porto, Lello e Irmãos Editores, s/d.
- _____, "Flores sem Fruto", in *Lírica completa*, Lisboa, Editora Arcádia, 1971.
- LAPA, Manuel Rodrigues (ed.) *Poetas do século XVIII*, 2^a ed., Lisboa, s/e., 1958.
- COELHO, Jacinto do Prado, *Poetas Pré-Românticos*, Coimbra, Atlântida, 1961.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *As origens do Romantismo em Portugal*, Biblioteca Breve, Lisboa, ICALP, 1979.
- SAUNDERS, Bailey, *The Life and Letters of James Macpherson*, London, Swan Sonnenschim and Co., 1894.
- MONTIEL, Isidoro, *Ossian en España*, Barcelona, Ed. Planeta, 1974.
- TIEGHEM, Paul van, *Ossian en France*, Paris, P.U.F., 1917.
- STAFFORD, Fiona, *The Poems of Ossian and Related Works*, Ed. by Howard Gaskill, Edimburgh, Edimburgh University Press, 1966.